

8. Todos estavam com receio
de contar à velha senhora
que ela teria que retirar o seio

“Ah, não”
“meu Deus, e agora?”

A filha mais velha
fora designada
para a difícil tarefa

“Senhor, ajude-nos”
“O que falar agora?”

A velha ouviu-a impassível
e rosto sem sangue
gritou sem demora:
“Às vezes necessário a poda
para nos sentir mais fortes
Pois que arranquem isto fora”

E todos ficaram
À sua volta
como aviõezinhos de brinquedo
decorados com ventarolas
sobrevoando um rochedo

9. Na mesma hora, sempre na mesma hora

Sopra o vento da lembrança
nas minhas plantações de rosas
E as flores segredam teus traços
Pétalas no chão são passos
em minha direção

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Ouçó o canto da nostalgia
pelos meus íntimos canteiros
cheios de caminhos perdidos

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Eu desperto enquanto
meus jardins internos sonham
Tu és ainda sensível

à carne das rosas minhas...
Nossas lembranças se atingem
como duas asas de vidro
do mesmo pássaro de vapor
que voa e trina

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Tuas mãos incorpóreas
roubam de mim – rosas... Rosas!

10. Esta noite paralisada
na posição de ioga
Plena de mística
Com nuvens de água
Alguém, lá fora!

O negro entrou
no hospital, cambaleante,
como uma sombra desobediente
que fugiu do muro
Ele permaneceu sentado,
esquálido, magro,
pintado pela lua
em tom azulado
Às vezes, olhar perdido,
falava para os lados,
sorria sozinho,
abria os braços,
no reduzido palco

Ah, vida perdida!
Mais uma!
Quantas histórias repetidas

Plantão médico
A madrugada branca
no meu andar térreo
a bater as janelas
não me permite o descanso

11. Eu vivo no lugar
onde há choro de meninos
Meninos com medo
Meninos com dor
Meninos, velhos meninos

E nada sobe!
Nem as gotículas
de tosse
Ou o mísero grito
dos que sofrem
Nada sobe!
Sequer a oração tímida
vacilante ainda jovem
Apenas a coluna
líquida de mercúrio
galga alturas
acima dos quarenta
graus de temperatura

E há mãos convulsas
Fogueira nas faces
Corpos rubros
A fumaça branquinha –
menina nuvem
inocente que engatinha,
e quer ser um dia, neblina,
e alcançar uma colina

Às vezes não sei
o que faço aqui
Nem como tudo isto começou
ou o porquê
Às vezes, observo tudo isto
e tento não compreender

12. Entre as grades
de duas linhas imaginárias,
uma mão esquelética
aponta-me o indicador:
– És tu – Liberta-me!
E eu, pobre poeta,
se é que eu sou,
agarro a ideia fraca
pelo braço e laço-a
em palavra, como
quem também se salva!
Empalho pensamentos –
Taxidermia de ventos
Meus escritos devem
ser lidos em papéis
de parede – Adornam
mas conservam o grito!

13. A rosa cresceu no jardim,
no local mais negro,
rente à fonte seca
Rosa branca!
Rosa que ninguém viu!
Semente que das patas
da abelha, ali caiu
Solitária, vicejou,
na terra amarga,
como uma pomba
de várias asas
Rosa branca!
Rosa que ninguém viu!
Triste, seu baile.
Seu canto. Sua dança.
E agora, despe-se
Esconde de todos
a dor infinita
de ser branca
e vai morrendo
aos poucos, devagar
Tão devagar
que nem a morte percebeu
E onde estavam todos?
Onde estavam, meu Deus?

14. Eu vinha como uma mulher
quieta, de andar cansado,
com segredos enterrados,
tendo o sonho como ave
doméstica, asa ferida,
empoleirado no meu ombro
Eu vinha como uma mulher
comum, neste dia a dia,
a provar o jejum e a carestia
destes tempos de miséria
Eu vinha como uma mulher
em fogachos, no climatério,
de salto baixo, sem mistérios...
Até que, de súbito, na rua,
meu olhar viúvo encontrou
o amor no olhar transeunte
Mas foi só um instante.
Não, dois. Sozinha,
tudo se fora e se foi
enquanto eu vinha...
